

O fuso, a lançadeira e a agulha

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Era uma vez uma menina que perdeu o pai e a mãe quando ainda era bem pequena. No fim da aldeia, numa casinha, morava sozinha sua madrinha, que ganhava a vida fiando, tecendo e costurando. A velha acolheu a criança abandonada, habituou-a ao trabalho e a educou com toda a piedade. Quando a menina tinha quinze anos, a velha adoeceu, chamou-a para junto de sua cama e disse:

— Querida filha, sinto que meu fim se aproxima. Deixo para você a casinha, onde estará protegida do vento e das intempéries, e também o fuso, a lançadeira e a agulha, com os quais poderá ganhar seu pão.

Pôs ainda as mãos sobre a cabeça da menina, abençoou-a e disse:

— Conserve Deus no coração, e tudo lhe correrá bem.

Depois fechou os olhos e, quando foi enterrada, a menina seguiu o caixão chorando amargamente e lhe prestou a última homenagem.

A menina passou a viver inteiramente sozinha na casinha. Era trabalhadora, fiava, tecia e costurava, e sobre tudo o que fazia repousava a bênção da boa velha. Era como se o linho no quarto se multiplicasse sozinho; e, quando ela tecia uma peça de pano ou um tapete, ou costurava uma camisa, logo aparecia um comprador que lhe pagava generosamente, de modo que não passava necessidade e ainda podia repartir alguma coisa com os outros.

Por esse tempo, o filho do rei percorria o país à procura de uma noiva. Não devia escolher uma pobre e não queria uma rica. Então disse:

— Será minha mulher aquela que for, ao mesmo tempo, a mais pobre e a mais rica.

Quando chegou à aldeia onde a menina morava, perguntou, como fazia em toda parte, quem era a mais rica e quem era a mais pobre dali. Primeiro lhe disseram o nome da mais rica; a mais pobre, disseram, era a menina que morava na casinha lá no fim da aldeia. A rica estava sentada à porta de casa, toda enfeitada, e, quando o príncipe se aproximou, levantou-se, foi ao encontro dele e fez uma reverência. Ele olhou para ela, não disse palavra e continuou a cavalgar. Ao chegar à casa da pobre, a menina não estava à porta, mas sentada em seu quartinho. Ele deteve o cavalo e, pela janela por onde entrava o sol claro, viu a menina sentada à roda de fiar, trabalhando diligentemente. Ela ergueu os olhos e, ao perceber que o príncipe olhava para dentro, ficou vermelha dos pés à cabeça, baixou os olhos e continuou a fiar. Se dessa vez o fio saiu bem uniforme, não sei; mas ela fiou até que o príncipe tivesse ido embora. Então foi até a janela, abriu-a e disse:

— Está tão quente aqui dentro!

Mas ficou olhando atrás dele enquanto ainda pôde distinguir as penas brancas de seu chapéu.

A menina tornou a se sentar em seu quarto para trabalhar e continuou a fiar. Veio-lhe à lembrança uma fórmula que a velha às vezes recitava quando ela estava trabalhando, e cantou baixinho para si:

*Fuso, fuso, saia daqui,
traga o pretendente à minha casa.*

O que aconteceu? No mesmo instante, o fuso saltou de sua mão e saiu pela porta. Quando ela se levantou, espantada, e olhou atrás dele, viu-o dançar alegremente pelo campo, puxando atrás de si um reluzente fio de ouro. Não demorou a desaparecer de sua vista. Como já não tinha fuso, a menina pegou a lançadeira, sentou-se ao tear e começou a tecer.

O fuso, porém, continuou dançando, e, justamente quando o fio chegou ao fim, alcançou o príncipe.

— O que estou vendo? — exclamou ele. — Será que o fuso quer me mostrar o caminho?

Virou o cavalo e voltou, seguindo o fio de ouro. A menina, porém, estava sentada trabalhando e cantava:

*Lançadeira, lançadeira, teça com primor,
conduza o pretendente para dentro de minha casa.*

Logo a lançadeira saltou de sua mão e saiu pulando pela porta. Diante da soleira, porém, começou a tecer um tapete mais belo do que qualquer outro que já se tivesse visto. Dos dois lados florescia rosas e lírios, e no meio, sobre um fundo de ouro, subiam ramagens verdes, entre as quais saltavam lebres e coelhos; cervos e corços esticavam a cabeça por entre elas; no alto dos ramos pousavam pássaros coloridos. Só faltava que cantassem. A lançadeira saltava de um lado para outro, e parecia que tudo crescia sozinho.

Como a lançadeira tinha ido embora, a menina se sentara para costurar; segurava a agulha na mão e cantava:

*Agulha, agulha, pontuda e fina,
deixe a casa limpa para o pretendente.*

Então a agulha saltou de seus dedos e voou pelo quarto de um lado para outro, tão rápida quanto um relâmpago. Era como se espíritos invisíveis estivessem trabalhando: logo a mesa e os bancos se cobriram de pano verde, as cadeiras de veludo, e nas janelas penderam cortinas de seda. Mal a agulha tinha dado o último ponto, a menina já viu pela janela as penas brancas do chapéu do príncipe, que o fuso trouxera pelo fio de ouro. Ele apeou, entrou na casa passando sobre o tapete e, quando chegou ao quarto, a menina estava ali, com seu vestido pobre, mas resplandecia nele como uma rosa na roseira.

— Você é a mais pobre e também a mais rica — disse ele. — Venha comigo, será minha noiva.

Ela ficou em silêncio, mas lhe estendeu a mão. Então ele lhe deu um beijo, levou-a para fora, ergueu-a para cima de seu cavalo e a conduziu ao castelo real, onde as bodas foram celebradas com grande alegria. O fuso, a lançadeira e a agulha foram guardados na sala do tesouro e tratados com grande honra.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/o-fuso-a-lancadeira-e-a-agulha>